

A paz de Deus!

Chamo-me João, tenho 30 anos, sou auxiliar de jovens desde os 14 anos, músico oficializado, já fui instrutor de música, colaborador da Administração, auxiliei no atendimento de Reuniões de evangelização na Fundação CASA... Desde o final de 2016, timidamente, tento contato com irmãos do Ministério para tratar sobre a homossexualidade, assunto que por muito tempo me causou pavores. Entre as tentativas, conheci outros moços e moças da CCB que também fizeram o mesmo. Há cerca de seis anos, um deles conseguiu que um irmão ancião, dentre os mais antigos de São Paulo/SP, lhe desse bastante atenção ligando, inclusive, para o pai desse moço para lhe dizer que amasse o filho, embora homossexual.

Em 2018, outro ancião, também dentre os mais antigos da capital, fez algo semelhante permitindo que a mãe de outro moço ligasse a ele a fim de ser aconselhada, e o ancião lhe enfatizou que a homossexualidade não se trata de um espírito, mas que é uma “condição carnal”. No mesmo ano, a mim também não me coube pequena sorte, pois um irmão ancião (a quem entreguei pessoalmente uma carta) me respondeu por e-mail, passando seu número de celular... Porém não consegui manter o contato, acredito, devido os muitos compromissos desse irmão na Obra. Também em 2018, outro moço falou com um ancião sobre a homossexualidade e, depois, ele e eu marcamos de congregar na comum deste ancião. Após o culto, conversamos bastante com ele e, em dado momento, o moço perguntou ao ancião se, após uma conversa anterior que tiveram, ele havia pensado mais sobre o assunto. O irmão simplesmente respondeu que não, pois não era um tema que ele tinha interesse, nem havia o que pensar sobre o assunto.

A um desses moços, o ancião mais antigo da minha região (e por quem tenho muito carinho!), quando recebeu o jovem gay, membro da CCB e em desespero, disse algo como: “Se foi isso que você *escolheu*, o que você quer que eu faça?”... Em uma Reunião de Conselhos no Brás, no fim de 2018, o irmão ancião que atendia dizia que não sabia a causa da homossexualidade, mas sabia que se fosse doença Deus poderia curar, se fosse espírito, poderia expulsar...

Eu entendo um pouco esses discursos, mas os irmãos têm de perceber que o assunto não é tratado de maneira adequada e que precisam, sim, dialogar conosco: jovens gays, moços e moças, que “nasceram e cresceram na CCB” e que por ela têm muito apreço, ainda. Precisam entender que tais discursos são opressores! Ouvir conselhos que nos fazem acreditar que precisamos ser libertos a qualquer custo tem alguns resultados, dos quais eu consigo listar: *i)* afastam os homossexuais da igreja, pois não conseguem se libertar; *ii)* causam crises depressivas, de ansiedade, pensamentos de suicídio etc., pois o homossexual, mesmo querendo e pedindo muito a Deus, não consegue se libertar; *iii)* causam rompimento em famílias, seja entre pais que não aceitam o filho homossexual

mesmo que seja “casto” e “muito crente” – e deles esperam uma “renúncia” e até fazem “jejuns” para libertação desse “espírito” –, ou entre casais em que o cônjuge homossexual (com muito medo e tentando se encaixar no padrão heterossexual) casou-se acreditando que Deus o libertaria, mas não libertou...

A solução simplista que parece nos restar, já que Deus não “liberta” desse “mal”, é a de nos tornar eunucos ou casar com uma moça (no caso do moço homossexual) que não senta desejos sexuais (como alguns Anciães já propuseram particularmente a alguns desses meus amigos gays da CCB) para que, assim, nos comportemos como se fôssemos heterossexuais ignorando nossa natureza homossexual e evitando qualquer escândalo à Igreja. Temos de viver uma vida de aparências, fingindo ser quem não somos!

Um ancião, há algum tempo, aconselhou em uma Reunião de Mocidade: não devemos contar o nosso “segredo” para ninguém!

Em outras palavras, temos de ser invisíveis na igreja para que a irmandade e o Ministério possam continuar ignorando que há homossexuais na CCB, sim. Para que possam ignorar que talvez, e só talvez, Deus ame os homossexuais também e que talvez, e só talvez, seja de fato impossível haver uma “cura” ou “libertação” para aquilo que é uma condição natural.

É verdade que Jesus disse que *i)* há homens que nascem eunucos, *ii)* outros que são feitos eunucos pela mão do homem e, ainda, *iii)* alguns que se fazem eunucos pelo reino de Deus. Totalmente fora de contexto querem utilizar esse trecho da fala de Jesus para apoiar uma suposição de que, perante Deus, nós homossexuais temos o dever de nos tornarmos eunucos. Digo que é fora de contexto porque, particularmente, comprehendo que Jesus censurava a hipocrisia dos fariseus em relação ao casamento/divórcio, pois lhe disseram: “Ah, se não podemos dar carta de desquite por qualquer motivo, é melhor nem casar!”, ao que Jesus responde: “Nem todos podem receber essa palavra [...] por que há eunucos assim e assim [...] **quem pode** receber essa palavra, receba-a.” ou, dito de outro modo, “Quem nasceu ou consegue ser eunuco, que seja! Quem não consegue, que conviva com seu cônjuge harmoniosamente”. Também entendo que, no máximo, Jesus menciona aqueles que são assexuais (pessoas que não têm necessidade ou desejo/atração sexual aos quais, inclusive, também não sabemos tratar na igreja, já que o casamento é tido como uma consequência trivial e, ainda, não somos adequadamente orientados que podemos escolher não casar, se esse for o nosso desejo – quem escolhe não se casar trava uma “luta” para se fazer compreendido pelos irmãos em geral, que sempre forçam, de algum modo, o casamento).

O fato é que não nascemos eunucos (*i*), nem temos condições de o ser pelo reino de Deus (*ii*). Isso não significa que não poderíamos viver a vida toda sem sexo, mas sim que nossa natureza homossexual sempre estará presente: ainda que não façamos sexo,

nossa “carne” estará sempre inflamada quer pelo sentimento homoafetivo quer pela atração homossexual.

Paulo advertiu, aos coríntios (1 Coríntios 7), que não era inteligente os cristãos viverem “inflamados”, mas que se assim estivessem deveriam se casar para conter/satisfazer os desejos carnais, pois, segundo ele, é melhor se casar do que viver abrasado. Semelhantemente, Paulo diz aos casais que não ficassem sem sexo por muito tempo (1 Coríntios 7:5), e que caso se privassem da relação sexual, por consentimento mútuo e para se aplicarem à oração, que não ficassem muito tempo nessa devoção, a fim de que não fossem tentados e caíssem nas “ciladas do adversário”.

Ora, se a recomendação para um casal heterossexual é não se privar do sexo, para que não caiam em prostituição ou adultério, o que esperam dos homossexuais? Se para heterossexuais solteiros ou para casais heterossexuais, como Paulo explicou, a “castidade” (ainda que temporária) não é algo bom quando se vive abrasado, como o “eunucado compulsório” poderia ser bom/viável/possível aos homossexuais? Se um casal heterossexual poderia se corromper só de ficar alguns dias sem relações sexuais, como esperam que moços e moças homossexuais cristãos vivam a vida toda sem, sequer, trocarem simples afetos como um abraço?

Ou Deus usaria de duas medidas: uma mais branda para o heterossexual (que **em nenhuma ocasião precisa se abster** de relações sexuais ou afetivas nem mesmo para consagração, exceto se for por consentimento mútuo e por pouco tempo) e outra para os homossexuais (que precisam ficar **toda a vida** sem relações sexuais e jamais cogitar o casamento ou, sequer, relações afetivas)?

E não vale dizer coisas como “há casais heterossexuais que também, **às vezes**, ficam sem relações sexuais devido, por exemplo, a alguma enfermidade”! Estes não são privados de possuir um(a) companheiro(a) nem de viver uma vida ao lado de quem ama (ainda que por algum tempo ou a partir de algum momento não possam mais ter relações sexuais, não são privados da afetividade!), tampouco passam aflições em sua mocidade (período por si só conturbado para um jovem “normal”) por saberem que nunca poderão amar alguém.

O que quero dizer é que ainda que nós, homossexuais cristãos, não façamos sexo viveremos inflamados pelos nossos sentimentos homoafetivos e, por isso, nunca teremos de fato a paz e comunhão com Deus se essa for Sua condição (exceto se Ele mesmo conceder essa paz, porém nunca ouvi casos *reais* de que Deus tenha libertado algum gay). Além disso, estaremos em constante tentação, abrasados, em constante “perigo” e à mercê do “tentador”, como exposto por Paulo no trecho indicado anteriormente.

Considerando que Jesus citou três situações sobre os eunucos e, como eu já disse, não somos eunucos (temos atração sexual e afetiva), nem conseguimos nos tornar

eunucos pelo reino (por mais que decidamos tentar controlar nossos desejos sexuais, eles estarão sempre presentes, abrasando-nos), seria, então, o “eunucado” “sugerido” aos homossexuais cristãos uma condição imposta pelos homens?

Eu sei que tudo o que os irmãos do Ministério fazem na Obra é por amor a Deus e por zelo à doutrina. Não duvido nenhum pouco disso! Todavia, os irmãos nunca estiveram errados? Em todas considerações que fizeram sempre estavam inteiramente corretos? Consideram que podem estar tendo zelo sincero sem, contudo, entendimento devido?

Lembram-se de quando as irmãs, se cortassem a ponta dos cabelos, eram tidas como merecedoras de dura pena por infringirem a “doutrina”? E hoje essa pena que muitas sofreram não é mais bem-vista, ao menos não entre os mais esclarecidos da Graça! Lembram-se de como a irmandade tem mais facilidade para atirar pedras a perdoar àqueles que pecam, preferindo continuar acreditando haver “pecado de morte” do que acreditar haver uma Amor infindável chamado Graça? (quantos Cooperadores se escandalizaram com o tópico de ensinamento de 2016 sobre não ser correto dizer que alguém pecou “*de morte*”!). Lembram-se de como Paulo, o apóstolo, aplicou uma dura pena ao moço cristão que abusava sexualmente da madrasta, recomendando sua exclusão da igreja, mas, depois, voltou atrás porque a irmandade de Corinto desejava abraçar aquele “terrível pecador”?

Quantos foram instruídos haver pecado de morte e, após terem “vacilado”, continuaram pecando para a morte por acreditar não mais ser possível Cristo os abraçar. Quantos passaram a viver acreditando que o inferno era o destino certo, por haver pecado, e que Cristo era insuficiente para os salvar? É isto, de fato, a Graça? Ou não seria exatamente o contrário, um amor e perdão imerecidos de modo que nada, nem mesmo o pecado, poderia separar desse Amor Predestinado? É verdade que alguns, quando ouvem isso, dizem: “então vou continuar pecando porque a Graça me abraça em qualquer condição”. Paulo, o apóstolo, refuta essa infantil ideia dizendo que os que isso dizem ainda não conhecem a Cristo. E nós, conhecemos de fato a Cristo?

E sobre a homossexualidade? Será que o contexto de Gênesis 19 trata de homossexuais, mesmo? Ou seria mais sobre um estupro coletivo para humilhar o estrangeiro assim como o descrito em Juízes 19-21? Será que Levíticos 18 trata de pessoas homoafetivas? Ou teria mais a ver com o culto sexual e com a prostituição como parece indicar passagens como Deuteronômio 23:17-18 ou 1 Reis 14:24; 15:12; 22:47?

E que dirão a nós sobre Romanos 1? Nós cristãos homossexuais que falamos em línguas, que temos diversos cargos na CCB... fomos, na verdade, entregues às nossas próprias paixões porque não quisemos amar a Deus? Aí, o próprio Deus nos rejeitou e, contudo, continua dizendo que nos ama? Afinal, Deus nos rejeitou ou nos ama? Se nós estivermos enquadrados em Romanos 1 (como querem nos fazer acreditar cegamente),

então Deus nos rejeitou e permitiu que fôssemos homossexuais para demonstrar tamanho desprezo, pois é isso que diz o texto: “E por não se importarem [...] Deus os entregou às concupiscências do seu coração [...] e os abandonou às paixões infames [...]. Em que momento o homossexual rejeitou a Deus? Em que momento aquele menino ou menina que “nasceu e cresceu na CCB” rejeitou a Deus para “se tornar” um homossexual abandonado por Deus? Em que momento esse mesmo menino e menina, em sua adolescência, chorando e orando constantemente por uma “libertação” e por uma “cura”, se torna o moço e a moça rejeitados por Deus?

Ou, então, o que nos dirão sobre 1 Coríntios 6:10, em que está claro que os sodomitas não herdarão o reino dos céus? Mas, se assim é, porque toleramos alguns casos de adultério (ou de fornicação) e, depois de um tempo, até pode-se dar a liberdade ao adúltero? E porque os sodomitas são mais “desprezados” pelos da igreja (a ponto de serem tidos como “os abomináveis entre nós”) do que os devassos, do que os avarentos, do que os bêbados, do que os maldizentes, do que os ladrões, do que os roubadores... se igualmente estão todos excluídos do reino de Deus, conforme esse verso de 1 Coríntios?

Porque algum dado ancião que se embriagou, ou qualquer outro irmão, não é igualmente excluído da salvação? Porque permitimo-nos reinterpretar o “bêbado” de 1 Coríntios 6:10, ou o “avarento”, ou o “maldizente” (e quantos irmãos têm essas *qualidades*!), mas não o “sodomita”? É de fato o “sodomita” desse verso o homoafetivo cristão que passa anos chorando aos pés de Deus para alcançar uma inalcançável libertação? Ou será que o contexto que Paulo vislumbrava era o de perversidade e depravação sexual em que homens e mulheres heterossexuais se permitiam ao sexo, inclusive à relação homossexual, por pura libertinagem? Se o “sodomita” for de fato sinônimo para o que **hoje** chamamos “homossexual”, temos de abominar também àqueles que ficam bêbados, aos que são avarentos e aos que são maldizentes!

É verdade que o contexto do “mundo homossexual” parece ser sempre o do “sexo pelo sexo”. E que outra saída há aos que andam abrasados? Os irmãos percebem que, de uma maneira ou outra, corroboram para que o homossexual cristão vivencie o “sexo pelo sexo”? Ou como os irmãos pensam que um jovem cristão se comprehende ao se reconhecer homossexual?

Os irmãos acham que esses adolescentes têm algum auxiliar de jovens, algum cooperador de jovens ou mesmo algum ancião que possa conversar e ajudá-los a se entender? Os irmãos acham que a família está preparada para auxiliar um filho homossexual a se compreender? Não e não.

Se somos ensinados a buscar sozinhos uma cura e libertação – e de fato fazemos isso, por muito tempo e enquanto temos forças –, e a nos esconder, e a disfarçar e a negar nossos sentimentos, e a sermos invisíveis na igreja... quando não conseguimos mais

dissimular nossa própria natureza a saída tem sido procurar informação fora da igreja, e a consequência disto é sermos influenciados por pessoas que pouco entendem a nossa fé. Podemos ter sido o homossexual “mais crente” da igreja, o moço e moça mais dedicado às coisas de Deus, mas em algum momento a nossa sexualidade nos impulsionará a procurar outros que se sentem como nos sentimos e, se não tivermos “alguma sorte”, os “outros” não terão princípios cristãos.

Se jovens gays cristãos (que acreditavam na castidade como virtude e no casamento como ideal) passam a fazer “sexo pelo sexo” e sequer cogitam a possibilidade de um casamento homoafetivo é porque esse tipo de união lhes é negado em todas as circunstâncias cristãs. Ou é de fato melhor que o homossexual se satisfaça às escondidas e, na igreja, finja ser casto e eunuco? Essa parece ser a saída que muitos jovens homossexuais encontram para permanecer na igreja. É uma saída temporária, acredito, pois com o passar do tempo, certamente serão excluídos (ou se excluirão) da comunidade cristã a qual tanto desejaram permanecer.

Não estou questionando a liberdade de casais homoafetivos na igreja (embora, às vezes, deem liberdade a bêbados ou a adúlteros arrependidos, também a avarentos e ou a maldizentes). Porém, por exemplo, acredito que negar o batismo a casais homossexuais (como está implícito no que agora dizem em todos os serviços de santo batismo, variações de: “o casamento que a CCB aceita é o civil e entre um homem e uma mulher”) não seja coerente com a Graça, já que não negamos o batismo aos que ainda são/serão bêbados, ou aos maldizentes, ou aos ladrões, ou aos mentirosos, ou aos avarentos...

Ainda que praticar relações homossexuais seja entendido pela igreja como um pecado, não seria melhor ter um casal homoafetivo sendo abraçado pela irmandade, congregando e tendo a possibilidade de ser convencido pelo Espírito (por meio de Palavras divinamente inspiradas), e convivendo com o carinho fraternal e com o amor cristão a ter jovens homossexuais seduzidos e abraçados pelo “mundo” porque excluídos de qualquer comunhão com a igreja?

Entendo que os irmãos fazem tudo com zelo. Não duvido nenhum pouco disso! Espero que percebam, tão logo quanto possível, que algumas vezes o fazem sem entendimento. Sem medo e com muita certeza afirmo também que têm sido corresponsáveis do “pecado” de muitos e da falência espiritual de outros tantos. Enquanto nos ignoram, ou enquanto tentam dissimular a nossa existência na igreja, e enquanto não se permitem ao diálogo conosco, ou enquanto dão conselhos guiados pelo pouco conhecimento que têm sobre o tema a mensagem estarão nos transmitindo sempre será: deixe que se vão, não tomem tempo com essa questão, deixem que se percam, afinal, o que eles querem que façamos?

Somos responsáveis por aquilo que fazemos em nome de Deus, seja em pregações, conselhos, interpretações ou em nosso silêncio conivente.

Para demonstrar sua Graça, sua Misericórdia e seu Evangelho, Jesus superou as Escrituras: em lugar do apedrejamento que as antigas escrituras incitavam, ofereceu empatia, compreensão, misericórdia e amor. Talvez esse seja um caminho, talvez o próprio Caminho.

Reafirmo que continuo à disposição de qualquer irmão que queira conversar, seja para me orientar em minha vida pessoal, seja para me advertir, seja para compreender um pouco mais sobre o tema e, assim, com a guia de Deus, de algum modo poder abraçar a todos, inclusive a nós homossexuais.

Deus abençoe grandemente aos irmãos e lhes dê Luz, mais e mais, como sempre tem dado. De luz em luz, sempre avante, chegaremos ao desejado reino de Deus!

A graça e paz de Deus seja com todos os irmãos.

São Paulo, 24 de março de 2019.

e-mail: tambemsoucristao@gmail.com

